



Balladeur: O flâneur da pós-modernidade¹

Ozie Gheirart²

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

Resumo

O sujeito pós-moderno é constituído por uma infinidade de combinações fragmentárias que o afeta no corpo e na alma. Na época dos excessos, ele não apenas perdeu seu lugar e sua história, mas tem sua subjetividade em condição de risco. O *balladeur* é pensado aqui, apesar da sua tentativa de atualização do *flâneur*, para além de uma possível frente de resistência a esse hiper-preter-sur-real. Utiliza-se desta concepção como abertura para uma proposta teórica e um modelo investigativo, que a um só tempo reconhece e assimila a hiper-realidade.

Palavras-chave

Flâneur, Mídias digitais, Pós-modernidade, Subjetividade, Urbanidade

O RETORNO ÀS CAVERNAS³

Na pós-modernidade, o paradigma urbano hegemônico é o do encapsulamento. A egocentragem impera, a temporalidade se rende aos giros velozes das máquinas, dos corpos e das idéias. Mudar incessantemente parece ser o imperativo deste cenário de fluxos e de fluidez. Com o espaço público quase abolido (e esquecido) nas cidades, nos moldes que conhecíamos até o florescimento da revolução tecnológica, resultado das investidas maciças do capitalismo tecnológico, fomos perdendo os nossos espaços, bem como a nossa própria auto-concepção.

A expansão da lógica de *shopping center*, de muitas possibilidades num único lugar, nos foi expulsando e nos aglomerando em minúsculas construções, pequenos corredores; em lojas de serviço rápido e palatável instaladas dentro das igrejas, dos metrô, até mesmo em universidades; homens e mulheres em constante deslocamento são amontoados em lugares que perderam seus desenhos arquitetônicos originais para

¹ Trabalho apresentado no NP Comunicação e Culturas Urbanas, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM, email: gheirart@yahoo.com

³ Esse artigo é resultado parcial da dissertação de mestrado do autor, com o devido recorte para apresentação no NP Comunicação e Culturas Urbanas, especialmente no que diz respeito “as conexões entre imagens e imaginários e os novos sensores inerentes ao contexto urbano”.



melhor comportar vitrines e afins, que buscam nos seduzir a um consumo viabilizado em condições e situações surpreendentes e apelativas. Como num canto de uma sereia, perdemos a graça ordinária da vida em grupo e do contato físico, nos contentando com a ornamentação excessiva de um entretenimento enlatado e higiênico, como crianças que se desencantaram das suas típicas e corpóreas brincadeiras depois que ganharam um *video game*.

[...] está bem claro que um aspecto característico do consumo [pós]moderno é a extensão em que produtos e serviços são comprados pelos indivíduos para uso próprio. Mais uma vez, isso contrasta marcadamente com padrões do passado, no qual esses itens eram adquiridos por, ou em nome de grupos sociais, principalmente aparentados e familiares, ou por vilas ou comunidades locais, ou, alternativamente, alocados aos indivíduos por instituições governamentais. Ainda mais característicos do consumo [pós]moderno é a ideologia associada ao individualismo. Esse é o valor extraordinário anexado a esse modo de consumo, juntamente com a ênfase colocada no direito dos indivíduos de decidirem, por si mesmos, que produtos e serviços consumir.⁴

As novas politicidades e a busca por possibilidades de subjetivação encontram refúgio em lugares outros, como o do ciberespaço. Os aparelhos eletrônicos parecem ter se convertido em verdadeiras janelas de emergência para uma multidão invisível, nos oferecendo uma nova camada para dissolver a lotação máxima do real, no excesso que se multiplica a cada instante.

Não buscamos aqui o sentido espiritual do termo invisível, porque já tínhamos outras experiências imateriais, mas outros dois sentidos: primeiramente, o de sociabilidade virtual ou comunidade invisível e, também, da possibilidade do até então impossível (o invisível se fez visível e vice-versa) com o apoio viabilizador dessa grande fábrica de ilusões chamada consumo. Falamos, portanto, de um paradoxo: a mesma mão que embala o berço pode liquidar a vitalidade ali presente.

Neste cenário pendular que trafega do encanto ao engodo, o que se dá a ver é, curiosamente, veneno e remédio. O regime do visível atinge seu grau máximo, ultrapassando, como profecia realizada, o paradigma do espetáculo teorizado por Debord (1973). Afinal, se antes precisávamos ver para crer, hoje temos a capacidade de dar visibilidade a quase tudo, mesmo que de uma forma grotesca a ser lapidada, por meio da manipulação tecnológica – e assim, a partir deste hiper-real, crer. Para isso, transformamos-nos em homens que, na maioria do tempo, são mediadamente lançados a essa emergente camada através de aparatos comunicacionais que, como portais mágicos,

⁴ COLIN, Campbell. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In: _____. BARBOSA, Livia e COLIN, Campbell. *Cultura, consumo e identidade*. São Paulo: FGV Editora, 2006. p. 48-49.



desconfiguram o tempo e o espaço e nos abduzem para não-lugares ⁵. Assim, não apenas caminhamos rumo a um individualismo físico ou ao isolamento, por conta dessa relação maquínica que vem recodificando nossa comunicação, mas também seguimos em direção a uma remodelação do que chamamos de vida em sociedade, do viver em grupo, em que a comunicação se tornou mais “o próprio aparelho mediador em si” do que “o que falar”.

Há algo de errado no mundo das comunicações. Em nossa época atual não se fala de outra coisa. Comunicar é um imperativo, uma ordem. Todos têm de se comunicar. Sem comunicar não há vida, tudo tem de ser repassado, transmitido, revelado. Temos de nos **tornar transparentes** aos demais, mostrar-nos. Não há outra fórmula. Há todo esse mundo de aparelhinhos, aparelhos grandes, máquinas, torres, canais, fibras óticas para nos facilitar e proporcionar o contato com o outro e com grandes comunidades. Tudo à nossa disposição para que possamos comunicar, mas não nos comunicamos. Ou, então, fingimos comunicar, aceitamos que uma troca de mensagem por computador já é um diálogo, que o fato de transmitirmos nossa cara por câmera fotográfica doméstica é estar junto com o outro.⁶

Pensamos no real como algo que se deixa compreender por si mesmo, ou seja, que ultrapassa a condição de verdadeiro e que independe de nós – porque do contrário teríamos que problematizar o que é a verdade e a representação: chegaríamos, novamente, ao nada. Já a realidade, a tratamos como esse real humanizado, a situação em que se encontra esse sujeito, que é atravessada por condições dadas e buscadas no nosso poder de interferência. Não chamamos aqui de realidade apenas o que nos é palpável ou visível, mas tudo aquilo que interfere e fere a vida humana. Como alguns animais que só vêem em preto e branco, nossa visão (e os nossos outros sentidos) também não nos são garantia da contemplação absoluta de tudo o que existe! Somos limitados ou poupados do todo? Assim, o que era o real ao homem da Idade Média é distante do homem do século XVIII, que é distante do real da sociedade do consumo. Não temos como transformar a realidade numa “coisa” ou direcioná-lo igualmente a todos por conta de seu caráter histórico, embora algumas coisas nos sejam comuns – e até vivemos como nossos pais mesmo dentro do digital, como as coisas que são auto-suficientes e as quais não precisamos ultrapassar. Real e irreal, preter-real⁷ e preter-irreal, podem ser escalas de realidades com as quais são possíveis infinitas combinações e sobreposições para a constituição de uma realidade, já que ela em si comporta tanta

⁵ “Sobre os não-lugares ver AUGÉ, Marc. *Não lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994. 111 p.

⁶ MARCONDES FILHO, Ciro. *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?* São Paulo: Paulus Editora, 2004, p. 8.

⁷ “Ver o conceito de preter real em QUÉAU, Philippe. O tempo do virtual. In: PARENTE, André (org.). *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 97”.



complexidade quanto a nossa própria existência. E somando à realidade genética e social, a realidade é inédita para cada um.

[...] entre a idéia e a coisa há sempre uma absoluta distância. O real extravasa sempre do conceito que tenta contê-lo. O objeto é sempre mais de outra maneira que o pensado em idéia. Esta fica sempre com um mísero esquema, como uma andaimaria com que tentamos chegar à realidade. Não obstante, a tendência natural nos leva a crer que a realidade é o que pensamos dela, portanto, a confundi-la com a idéia, tomando esta de boa-fé pela própria coisa. Em suma, nosso prurido vital de realismo nos faz cair numa ingênuia idealização do real. Esta é a propensão nativa, “humana”.⁸

Talvez o Iluminismo tenha sido o responsável pelo tratamento diminuído do mágico e pelo tratamento do real de forma tão racional e objetiva. Na análise pós-moderna, tudo isso ruiu por completo.

No homem, o seu ser feito à imagem de Deus consiste na sua soberania sobre o que existe, no seu olhar de senhor, no comando. O mito passa a ser iluminação da natureza, mera objetividade. O preço que os homens pagam pela multiplicação do seu poder é a sua alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O iluminismo se relaciona com as coisas assim como um ditador se relaciona com os homens. Ele os conhece, na medida que os pode manipular. O homem de ciência conhece as coisas, na medida em que as pode produzir. É assim que o em-si das coisas vem a ser para-ele.⁹

Descobrimos, colonizamos e migramos efetivamente para as terras digitais, no desejo de (não) estar em outros (não) lugares. Lá, libertamos todas as nossas imagens (de nós, dos outros, do mundo etc.), até então reféns da razão iluminista, que habitavam em nós. E assim ampliamos nosso mundo-imaginário, pois mesmo o mundo real materialista e cultural também tinha sua carga imaginária. Então, se toda a observação é contaminada e atravessada por tantas escalas e suas nuances, esse real concreto e puro é algo inalcançável a nós – especialmente com o estabelecimento por completo da tecnologia, esta que, com sua irrealidade real se faz mundo, um mundo cada vez mais (hiper)real.

Porém, nos deparamos com outra grande contradição da pós-modernidade: ver como um mundo que tanto se sofisticou e se solidificou tecnologicamente no decorrer do tempo, agora, perversamente, é o responsável pela diluição da vida social que, genealogicamente, nos abriu, virtualmente, todas as condições como efetivas possibilidades – inclusive a própria tecnologia. Atingimos nossa superação máxima com as mídias digitais, mas com essas “possibilidades” infinitas do real, nos transformamos em frágeis animais que recuam do alimento conquistado, mesmo sem comer, ao ouvir

⁸ ORTEGA Y GASSET, José. *A desumanização da arte*. São Paulo: Cortez, 5a. Ed., 2005, p. 64.

⁹ ADORNO, Theodor. Conceito de Iluminismo. In: _____. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 24.



uma explosão – ou com medo dela. Estamos sempre a fugir do trabalho, das ruas, dos lugares. E fugimos para as nossas casas para vivenciar uma realidade (e uma liberdade) híbrida e dosada num único lugar onde supostamente temos o “poder” da escolha, como se tivéssemos que dar conta dos excessos, como se estivéssemos sempre deixando escapar alguma coisa na programação da televisão, no bate-papo, no telefone, no flagra de um momento com a câmera digital etc. Em um mundo onde as máquinas são o centro, nós não perdemos mais tempo para andar pelas cidades, promover encontros, dar abraços ou estar em praça pública. A contemplação do natural cede sua vez à fruição imediata e intensa da literalidade do instante tecno-cultural. Não contemplamos mais a última colina, contemplamos o último modelo de celular que acoplou outra tecnologia.

Abstrair a [pós] modernização de seu contexto de origem implica reconhecer que os processos que a engendram perderam sua centralidade e fracionaram-se pelo mundo ao ritmo de formação dos capitais, da internacionalização dos mercados, da difusão dos conhecimentos e tecnologias, da globalização dos meios massivos, da extensão do ensino escolarizado, da vertiginosa circulação dos modismos e da universalização de certos padrões de consumo.¹⁰

Pelo contrário, tudo o que é feito no bairro, na vizinhança, se fez primitivo como o existir naturalmente. No mundo digital, no qual somos, contraditoriamente, primitivos por excelência, buscamos mais que a proteção dessas realidades particulares, no sentido de um condomínio fechado ou de uma *boite* para dançar. Almejamos também a libertação e inversão dos valores sociais: o anonimato, o nomadismo, a perversão, a trapaça, a violência, a vulgaridade, o sedentarismo, a diversão barata e de tudo aquilo que fomos e somos obrigados a “ter que ser” e “ter que ter” na sofisticação da vida social.

As máquinas viraram nossos agentes, nossas cafetinas, que comunicam-negociam ao outro a nossa mensagem mais ínfima, vendem a nossa imagem – como um choro de bebê na babá eletrônica ou como uma adolescente que mostra os seios pela *webcam*. Elas compartilham da nossa maior intimidade sem nos julgar. “[...] os aparelhos tecnológicos individuais são os objetos mais reveladores na casa de qualquer pessoa – essas máquinas são carregadas com informações pessoais.”¹¹

Porém, o nosso modelo cotidiano e as suas práticas foram engolidos pela humanização do digital, é ainda assim trata-se do social, porque não poderíamos viver de outra forma, mesmo que à distância, porque ignorar a história nos é inviável. Como

¹⁰ BRUNNER, JJ. *Bienvendidos a la modernidad*. Santiago: Planeta, 1994. p. 220.

¹¹ SHERMAN, Tom. *Machines r us...* In: _____. DOMINGUES, Diana. *A arte do século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo:UNESP, 1997. p. 75.



começar de um marco zero? Necessitamos do outro mesmo que invisível, mesmo que na indiferença e na mentira, mesmo que seja somente como telespectador. Precisamos dos outros porque não queremos estar sozinhos na tragédia do existir – e nos sentimos confortados (e nos igualamos) com a morte coletiva, porque o outro para quem eu preciso mostrar a minha força também é mortal.

Queremos aqui flertar como a Alegoria da Caverna, de Platão¹², no qual as sombras medeiam nossa percepção e na qual vivemos a ilusão na realidade. As sombras não apenas nos são intrínsecas e nos ofereceram a experiência do duplo. Elas são fantoches que nos contam histórias próprias. Admiramos as sombras das roupas ao vento que se transformam em longelíneos pássaros no chão, porque as nuvens nunca nos convenceram com suas tentativas ingênuas de formar carneirinhos no céu?

As nossas cavernas de hoje estão separadas do mundo exterior pela tecnologia. Não há feixe de luz do externo para dentro dela. Existem portais, que são os monitores, em que a luz é projetada. As sombras escravizadas lá dentro foram transformadas em outros movimentos, em milhões de textos, de formas e de cores. Essas imagens saíram do estado negativo para o positivo pós-technicolor. Elas já não são mais projetadas nas nossas costas, elas saíram dos bastidores para o palco central com o toque da eletricidade. E nós acreditamos na sua verossimilhança, no acabamento (primitivo?) da terceira dimensão.

Meu corpo é um quarto escuro. A vida está lá fora. A luz é vista pelas janelas da alma. Está tudo dentro do quarto, mas o meu instinto *voyeur* está certo de que espionar é mais higiênico. Isso faz com que a minha cama permaneça desarrumada e as minhas roupas esparramadas pelos sete cantos, sobre coisas que não sei se existem. Sei que sempre há uma vela no fundo de uma gaveta, mas aquelas luzes me seduzem e me faz viver um tempo-agora. “Vai ser difícil encontrar um fogo adormecido nessa escuridão”, penso. Estou com as minhas molduras acesas de *posters* efêmeros. A arte me ensinou a enquadrar, a buscar um olhar divino-social no close de uma fechadura que é a porta e a parede – para além dela deve estar a resposta. Os meus eus são protagonistas desse filme; interpretam brilhantemente textos-imagens. Mas quando eles retornam, já estou dormindo. Às vezes, me despertam dos meus pesadelos de aviões e elevadores desconfigurados. Aqui nunca é dia, porque não tenho o meu sol. Tudo é eterno e sem sentido. Ah, essas janelas dão mesmo profundidade a vida! Meu eu-guardião acorda. Uma pequena multidão embaçada retorna. E todos dormimos acordados.¹³

Com elas provamos para além do duplo – o triplo, o quádruplo, o “infinituplo”. Os monitores são as nossas paredes em que nossos órgãos sensoriais e o sistema nervoso se potencializaram de tal forma, que estimuladas pelas diversas linguagens,

¹² PLATÃO. *A república*. São Paulo: Martins Editora, 2007. 462 p.

¹³ GHEIRART, Ozie. Pós-modernidade: todo o ódio. In: _____. *Useless Generation*. Disponível em: www.gha.zip.net. Acesso em 10 out 2008.



pela infinidade de combinações hipertextuais, atinge o infinito a nós, superando as nossas limitações da realidade perceptiva. No mundo eletrônico o caráter ilusório do real não é mais um problema, porque as máquinas também alimentam a vida analógico-social, nos meios de comunicação, no celular etc. E o que queremos pensar aqui não são apenas as tecnologias, mas esse nosso desejo pelo esconderijo, de manipular o real como nossa testa de ferro, como um fantoche com direito a platéia. O que antes chamávamos de ilusão foi seqüestrado pelo que chamamos de real.

Percepção contemporânea significa: movimentar-se no cume do insuportável e ao mesmo tempo aliviar o insuportável pela procura de um nicho, uma esperança, uma pequena cegueira – um estado provisório. A partir da perspectiva dos nichos refletimos preocupados e levianos sobre as turbulências que não permitiriam uma perspectiva “crítica”, caso a sua condição insuportável já nos tivesse engolido por inteiro.¹⁴

A tecnologia, que foi desenvolvida antes das cavernas digitais, arrastou a ilusão para fora delas e se juntou para formar parques digitais no formato de uma grande cidade, tanto que essas próprias cavernas¹⁵ estão também conectadas (e juntas podem formar uma única) – e podem ser acessadas de muitos e todos outros pontos. Parece que estamos circulando por essas realidades como num meio transe. E nos questionamos se estamos usando essa realidade como modelo macro para cavernas particulares, no qual, da nossa própria casa, viveremos futuramente – e daí sim, retornaremos à caverna de Platão: com o atrofiamento do corpo e dos sentidos, pois de lá trabalharemos, dormiremos, nos relacionaremos, comeremos e assim por diante¹⁶. As correntes invisíveis que nos faz permanecer por lá nos farão viver efetivamente sem vermos os outros e o consumo *delivery* abastecerá todas as nossas necessidades. O consumo elástico vai dar conta da demanda e se remodelar, porque tem sua longevidade garantida e seu futuro promissor no capitalismo tardio.

Então, não temos mais como separar o real e nem tampouco dizer que essa ilusão não nos é real, porque ela habita entre nós e são pilares dessa realidade fragmentada. Não temos como sair desse banco de imagens que a existência se transformou, nem como dizer que o que essas sombras projetam são apenas folhas ao vento. Consumimos imagens, abortamos as nossas e elas entraram para um catálogo

¹⁴ SLOTERDIJK, Peter. *Mobilização copernicana e desarmamento ptolomaico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992., p. 62.

¹⁵ Pensamos essas cavernas a partir das lanhouses – campo de pesquisa da dissertação do autor.

¹⁶ Já existe, no Japão, o caso de lanhouses, como o Cyber@Cafe, que oferecem aos usuários a possibilidade de alugar cabines com banheiros e uma pequena cozinha. Além dos serviços usuais de Internet, quadrinhos e bebidas com reabastecimento ilimitado oferecido pela maioria dos cibercafés japoneses, oferece aos seus clientes acomodação de longo prazo e um endereço oficial registrado.



perceptivo universal. Fomos jogados em diferentes existências, numa terra em transe e em trânsito.

Impossível também não lembrar do “Anjo Exterminador”, de Buñuel¹⁷. Embora sem a conotação política que não cabe a essa discussão, e sim como lugar onde somos confinados e que podemos deixar fluir nossos mais intensos instintos. É como se as cavernas não fosse um problema para nós, porque agora convivemos e desejamos a ilusão – e assumimos. Não desejamos sair. As cavernas são pensadas aqui como lugares onde a indústria da cultura nos convida para um jantar clandestino. Permanecemos enfeitiçados no seu interior, e vamos, metaforicamente, morrendo famintos, imundos e desesperados.

Baudelaire, nosso modelo de *flâneur* do século XIX, representou a angústia do iluminismo e o susto da sociedade industrial. Os próprios poetas-*flâneurs* tinham um tom melancólico-depressivo sobre a existência, que já estava começando a sair do controle. Por mais que transformassem o desespero em uma depressão *chic* – porque o combustível da resistência sempre foi a fé – não deram conta dos novos modelos de cidades. O *flâneur* se transformou em nostálgico frente à tecnologia.

Fechado o Cinema Odeon, na Rua da Bahia.
Fechado para sempre.
Não é possível, minha mocidade fecha com ele um pouco.
Não amadureci ainda bastante para aceitar a morte das coisas
que minhas coisas são, sendo de outrem, e até aplaudi-la, quando for o caso.
(Amadurecerei um dia?)
Não aceito, por enquanto, o Cinema Glória,
maior, mais americano, mais isso-e-aquilo.
Quero é o derrotado Cinema Odeon,
o miúdo, fora-de-moda Cinema Odeon.
A espera na sala de espera. A matinê com Buck Jones, tombos, tiros, tramas.
A primeira sessão e a segunda sessão da noite.
A divina orquestra, mesmo não divina, costumeira.
O jornal da Fox. William S. Hart.
As meninas-de-família na platéia.
A impossível (sonhada) bolinação, pobre sátiro em potencial.
Exijo em nome da lei ou fora da lei
que se reabram as portas e volte o passado
musical, waldemarpissilândico, sublime agora
que para sempre submerge em funeral de sombras
neste primeiro lutulento de janeiro de 1928.¹⁸

O espaço fragmentou-se para fins comerciais e travou-se uma luta entre público e privado – e perdemos para o consumo. Permanecemos como sardinhas enlatadas,

¹⁷ Após uma extravagante e farta refeição, os convidados se sentem estranhamente incapazes de deixar a sala de jantar e, nos dias que se seguem, pouco a pouco, caem as máscaras de civilização e virtude. O grupo passa a viver como animais.

¹⁸ DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *As impurezas do branco*. São Paulo: Record, 2005, p. 72.



conservadas apenas para movimentar o consumo espalhado em condomínios, bares, restaurantes, lojas internacionais etc. E com o complemento de que a vida também passou a ser vivida através das telas (cinema, televisão, computador), as imagens passaram a ser mais valiosas e mais reais para o cosmopolita pós-moderno porque preencheram o vácuo do não movimento, do labirinto, do real espremido e atrofiado. Então, o consumo se firmou como condição de sobrevivência, como o preço que pagamos pela felicidade.

Oh, a loucura da cidade grande, quando ao entardecer
Árvores atrofiadas fitam inertes ao longo do muro negro
Que o espírito do mal observa com máscara prateada;
A luz, com açoite magnético, expulsa a noite pétrea.
Oh, o repicar perdido dos sinos da tarde.
A puta, em gélidos calafrios, pare uma criança morta.
A cólera de Deus chicoteia enfurecida a frente do possesso,
Epidemia purpúrea, fome que despedaça olhos verdes.
Oh, o terrífico riso do ouro.
Mas quieta em caverna escura sangra muda a humanidade,
Constrói de duros metais a cabeça redentora.¹⁹

LE BALLADEUR

A nossa proposta é que o papel do *flâneur* pode ser efetivamente atualizado em uma cena pós-moderna. E sugerimos um novo personagem que o atualiza: o *balladeur*. Em um primeiro momento, estamos considerando um termo que possa ser rico em sentido, por conta do versátil papel que ele desempenharia na terceira fase do capitalismo. Pensamos em um sujeito que circula pelas cidades e o faz de diversas maneiras: a pé, de ônibus, de trem, de avião; que convive com as mídias e vivencia a realidade eletrônica. Um sujeito que tem as imagens como parte do seu real. E mais do que isso, que vive efetivamente numa sociedade do espetáculo, do entretenimento, em que a cultura e o consumo dão as cartas. Certamente, é um sujeito mais crítico que contemplativo, mas vivencia essas possibilidades tendo as tecnologias ao seu favor, em todos os âmbitos da existência.

O *balladeur* que propomos dispõe de uma riqueza de sentidos, mas que vamos nos ater apenas a quatro facetas: a diversão crítica, o isolamento na multidão, a composição, a poesia-cartografia.

1. *Diversão crítica.* É um sujeito que sai para passear também com a finalidade da diversão e do entretenimento. É um sem-lugar, que

¹⁹ TRAKL, Georg. *De Profundis: e Outros Poemas*. São Paulo: Iluminuras, 1994, p. 65.



recorre ao nomadismo subjetivo e que se isola “da” multidão “na” multidão, porque ele mesmo pode construir sua multidão particular com pluralidade de meios que pode usar e de sujeito que pode ser. É também alguém que está sempre na escuta e que consegue interpretar mesmo com a interferência e cruzamentos de várias realidades. É um espião anônimo que pode transitar e interpretar em outra dimensão, sem se contaminar totalmente com o sentido negativo da existência.

2. *Isolamento na multidão.* Em francês, *balladeur* é também “fone de ouvido”. Ou seja, ele faz uso das técnicas de isolamento das mídias móveis, mantendo uma realidade particular que bóia entre o real e o preter-real. Assim, ele pode se sentir íntimo com os lugares os quais circula, mesmo que seja estranho – ou seja, ele não evita lugar algum. Não seria como o inglês *Dândi*, o cavalheiro nobre que vive numa bolha, sem contato com o mundo real e que possui grande preocupação externa, superficial. Ele se dispõe das mídias para interpretar o real de forma particular e peculiar. Ele aceita o sentido híbrido da pós-modernidade e seus paradoxos. Deseja viver da melhor forma possível.
3. *Composição.* O termo comporta também a composição de uma peça musical. A música tem influência direta no seu cotidiano, pois é a trilha da sua existência. Com a eliminação do ruído da existência (das máquinas e da multidão) pode ter uma relação contemplativa e mais sensível com a(s) realidade(s). O seu caráter de discotecário o faz escolher músicas que o emocionam ou mesmo que combina com determinada situação, o forçando a observar o lado poético de qualquer coisa.
4. *Poesia e cartografia.* É um andarilho poético que se usa de todas as formas de deslocamento do corpo e da mente – observa o mundo pelos meios de transportes e pelas janelas do monitores, com seus personagens e avatares. Ele compõe poemas e cartas sobre o que observa – *balladeur* também pode ser um pequeno poema construído por três refrões e uma introdução, no qual narra, sem buscar síntese, sua experiência. Porém, constrói artesanalmente, costurando e compilando esses fragmentos. Mapeia e flagra o impossível.



Seria ele uma tentativa de retorno ao poético. E, por isso, o papel do *balladeur* é ainda mais intenso do que do *flâneur*, porque ele vive no mundo com o qual Jean Baudrillard tanto se preocupou: onde a ausência de regras é a regra, onde o sujeito se deformou pelos excessos e pela perda da “glória dos acontecimentos”. Esse novo personagem sintetiza um grito de resistência do humano, num mundo que tenta contraditoriamente o atrofiar. Um mundo no qual asseguramos o corpo num cubículo e de lá nos exercitamos na lógica da lata de sardinha conectada infinitamente e que, ao mesmo tempo, encontramos lá quase tudo que precisamos. Vamos permanecendo envoltos a equipamentos que nos oferecem delírio para o espírito e prisão para o corpo.

Ser um *balladeur* é encontrar nesse caos um impulso para o salto, uma ordem dentro da desordem. É não aceitar a simples desumanização alienada da tecnologia como um caminho inevitável – que está mais para bifurcação. É a necessidade de ser e de também ressaltar e preservar a nossa condição humana – somos o fim da nossa espécie. Ser um *balladeur* é permanecer nas fronteiras das realidades e delas extrair o lado positivo.

“Baladar” pela cidade é um exercício de concentração e de paciência. Porque o sujeito não se reconhece na cidade e na sua mistura excessiva de símbolos. Ele sente medo do caos instituído e representado por todos os âmbitos. Seja num corriqueiro trânsito que engarrafa todos por horas, num dia de sol, ou de um dia de chuva que inunda as ruas e nos impede de sair de casa. Também não podemos nos esquecer dos ruídos por todos os lados e na fusão do espaço público e privado: dos automóveis, dos aviões, dos prédios em construção, das máquinas ligadas, que misturam com as vozes frenéticas das conversas telefônicas e do cantarolar dos aparelhos tocadores de música em viva voz. Tampouco, do andar pelas calçadas e ser praticamente conduzido por uma multidão em que cada um parece querer ultrapassar o outro e a maioria aniquila o fluxo da mão contrária.

Sem a prática de permanecer no ócio do espaço público e com a necessidade da segurança, todos se aglomeram nos mesmos lugares. Não habitamos mais as ruas, no sentido do *flâneur*, porque elas nos servem apenas de violentas vias de acesso às nossas casas ou aos nossos condomínios fechados, ao estacionamento, aos shoppings, aos restaurantes, ao cinema, a estação do metrô. Assim, todos querem transitar (leia-se entrar e sair) ao mesmo tempo nos lugares seguros, para não se envolverem em nenhum contratempo sempre possível e próximo. Segurança, para a grande maioria, é evitar o mundo lá fora cheio de balas perdidas e de mendigos que nos esfregam na cara sua



miséria diária. Segurança, para quase todos, é jogar as crianças nos *playground* dos prédios, os adolescentes na Internet e os aposentados em frente à televisão. Cada um almeja dispor do acesso a tudo para permanecer por mais tempo num único lugar, para circular o menos possível.

Mas não é somente isso. Com a desumanização e individualização do sujeito da era tecnológica, não conseguimos mais viver em grupos como outrora. A idéia de jogo, de disputa se tornou uma prática levada a todas as esferas coletivas – todo e qualquer encontro é quase sinônimo de um tipo de enfrentamento. Em qualquer ação, uma mera conversa, parece que alguém será eleito como um vencedor. Com essa falta de convívio humano, empiricamente falando, a grande maioria vive amedrontada, como num toque de recolher. A ida às ruas a pé, fora do expediente de trabalho e das obrigações, é somente por um motivo mais que especial ou quando a multidão se propõe a ocupar os lugares pelos raros motivos comuns. Nos horários de pico, de *rush*, então, a vida se torna impossível. O desespero para voltar para casa, desse raso desassossego que estar fora de casa representa, espreme todos, ao mesmo tempo, no trânsito, em vagões de trens, ônibus e filas. Todos retornam se xingando, desejando a morte dos outros, dos idosos que ocupam os lugares preferenciais, desdenhando o portador de deficiência que atrapalha o fluxo. Todos estressados e desejando que a multidão deixe o mundo vazio para si.

“Baladar” pela cidade é passar por todos esses processos e é também conviver e flagrar um pouco desse sujeito sozinho, transparente, hipnotizado, entediado, esquizofrênico, ansioso, raivoso, desequilibrado, egoísta, perdido e desumano, que tenta evitar a vida social e que busca a sombra como os pássaros de penugem preta num dia de sol. É também caminhar na contramão dessa multidão, tentando resgatar valores e lugares esmaecidos e observar o quão pouco, verdadeiramente, estamos usando esse mundo de infinitas possibilidades ao nosso favor – e já estamos afetados assim. Num exercício de observar o coletivo selvagem, numa selva de pedra, tentamos encontrar também possibilidades de resistência e de convívio. E é possível.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, Theodor. Conceito de Iluminismo. In: _____. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

BRUNNER, JJ. *Bienvenidos a la modernidad*. Santiago: Planeta, 1994.

COLIN, Campbell. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In: _____. BARBOSA, Livia e COLIN, Campbell. *Cultura, consumo e identidade*. São Paulo: FGV Editora, 2006.48-49.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *As impurezas do branco*. São Paulo: Record, 2005.

GHEIRART, Ozie. “O desassossego da permanência pós-moderna: subjetividade, cenas midiáticas e cultura do consumo”. 197 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) – *Escola Superior de Propaganda e Marketing*, ESPM, São Paulo, 2009.

_____. Pós-modernidade: todo o ódio. In: _____. *Useless Generation*. Disponível em: www.gha.zip.net.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?* São Paulo: Paulus Editora, 2004.

ORTEGA Y GASSET, José. *A desumanização da arte*. São Paulo: Cortez, 5a. Ed., 2005.

PLATÃO. *A república*. São Paulo: Martins Editora, 2007.

QUÉAU, Philippe. O tempo do virtual. In: PARENTE, André (org.). *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.

SLOTERDIJK, Peter. *Mobilização copernicana e desarmamento ptolomaico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

SHERMAN, Tom. Machines r us... In: _____. DOMINGUES, Diana . *A arte do século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo:UNESP, 1997.

TRAKL, Georg. *De Profundis: e Outros Poemas*. São Paulo: Iluminuras, 1994.